

## Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português em contexto dos alunos da zona fronteiriça de Maquela do Zombo-Angola

Eduardo David Ndombele\*

 <http://orcid.org/0002-5832-6391>

**Resumo:** O presente artigo aborda sobre as principais dificuldades ligadas aprendizagem e ensino de língua portuguesa, na província do Uíge, nas zonas fronteiriças do Município de Maquela do Zombo. Pretendemos assim Identificar as principais dificuldades no processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa aos alunos que têm o Kikongo como língua materna na zona fronteiriça do Município de Maquela do Zombo. A pesquisa mostra caminhos metodológicos que poderão facilitar um ensino/aprendizagem de Português Língua Não Materna em contextos da realidade angolana. É uma pesquisa de cunho bibliográfico. Circunscrito num paradigma qualitativo, tendo como estratégia de investigação o estudo de caso de cariz interpretativo que consiste numa descrição pormenorizada do caso estudado Face a dificuldade sentida pelos alunos do município de Maquela questionamos se todos alunos entendem bem o português em contexto de sala de aulas? A pesquisa revelou as dificuldades que os alunos das zonas fronteiriças de Maquela do Zombo apresentam na aprendizagem de língua portuguesa e propõe o bilinguismo como uma saída para o imbróglio.

**Palavras-chave:** Dificuldades; Ensino, Aprendizagem; Português; Maquela do Zombo

### Ku anakanya kaku karhata ka kudjondzisa niku djondzisiwa ka xiputukesi e ka vadjondzi vhale kandzelekanu na Maquela wa Sombo-Angola

**Nkatsakanyu:** Papila lerhi rivulavula hi mikarathu ikulu e ku funda ni ku fundisiwa xiputukesi e kA xifundza nkulu Uige, e mugangeni wo tsemelana na Maquela wa Zombo. Hi navela ku txuvuka leswaku hi kwini ku karateka e ku djodzisa ni ku djondzisiwa xiputukesi kA va djondzi lava nga ni ririmi Ra kikongo pswanga ririme Ra mamana e kA muganga wo tsemelana na Maquela wa Zombo. Tidjondzo leti ti konbisa tindlena leti nabzalisaka ku djondza ni ku djondzisiwa xiputukesi pswanga ririme leri ambaneke ni ririme Ra mamana e ku fambelena ni tiyiso ya le tiko nkulu Angola. Hi djondzo lerhi yentxekaka na rihuma e kA mabuku yo hambana-hambana. Ri djondza hi ku hlayutela, na ri tirhisa ku xopa-xopa wutivi hi ku lhela swilo, na ri langusa hi wu nyami-nyami a ku karhata loko vadjondzi va ku kumana e kA doropa Ra Maquela, na hi vutisile e kA vadjondzi leswaku va xiyinguela ha hombe xiputukesi ké, loko va djondza xikolene? Ka tirho lowu ku tsubuleka leswaku a va djondzi va djonzda hiku karateka e kA ndzelekanu na Maquela wa Zombo a wu djondzi Ra xiputukesi xi yentxiya hi tinrime timbirhi, na Yi li ndlela ya ku lwa e kA mhaka leyi.

**Marito-nloko:** Ku karateka; ku djondzisa; ku djondza; xiputikesi, Maquela wa Zombo

### Réflexion sur les difficultés d'enseignement/apprentissage du portugais dans le contexte des élèves de la zone frontalière de Maquela do Zombo-Angola

**Résumé :** Cet article traite des principales difficultés liées à l'apprentissage et à l'enseignement de la langue portugaise, dans la province de Uíge, dans les zones frontalières de la municipalité de Maquela do Zombo. Ainsi, nous avons l'intention d'identifier les principales difficultés dans le processus d'enseignement/apprentissage de la langue portugaise aux élèves qui ont le kikongo comme langue maternelle dans la zone frontalière de la municipalité de Maquela do Zombo. La

---

\* Doutorando em Inovação Educativa pela Universidade Católica de Moçambique. Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge. Atual Chefe do Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas. Conferencista nas linhas temáticas de Educação, Linguística e Ciências da religião. E-mail: [eduardondombele422@gmail.com](mailto:eduardondombele422@gmail.com)

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português...

recherche montre des voies méthodologiques qui pourraient faciliter l'enseignement/apprentissage du portugais en tant que langue non maternelle dans les contextes de la réalité angolaise. C'est une recherche bibliographique. Circonscrit dans un paradigme qualitatif, ayant comme stratégie de recherche l'étude de cas de nature interprétative, qui consiste en une description détaillée du cas étudié. Compte tenu de la difficulté ressentie par les étudiants de la municipalité de Maquela, nous nous demandons si tous les étudiants comprennent bien le portugais en le contexte de la classe ? La recherche a révélé les difficultés que rencontrent les étudiants des zones frontalières de Maquela do Zombo à apprendre la langue portugaise et propose le bilinguisme comme une sortie de l'imbroglio.

**Mots-clés:** Difficultés; Enseignement; Apprentissage; Portugais; Maquette de Zombo

## Introdução

A República de Angola, é um país do ponto de vista linguístico muito heterogêneo, onde coexistem diversas línguas de origem angolana e que são designadas por defeito semântico por línguas nacionais, essas línguas não são faladas por mais de 60% dos angolanos fato que faz com que Angola, continue a manter uma política linguística do tipo exoglóssico dando mais primazia as línguas de origem não angolanas caso de português, vários autores sustentam a ideia segundo a qual dada a diversidade linguística, após a independência nacional, foi muito difícil escolher uma língua angolana que pudesse servir como língua nacional, em decorrência desta escolha Angola, atribuiu à língua portuguesa o estatuto de língua oficial, como se pode ler no artigo 19º da Lei Constitucional por ser a única que pudesse reduzir as simetrias entre as línguas locais. Assim sendo a língua portuguesa passou a desempenhar o papel de língua de unidade nacional, de escolarização, de administração pública, de cidadania, e até de acesso ao emprego.

O Município de Makela do Zombo, foco de reflexão do nosso estudo é uma região que esta localizada geograficamente no norte de Angola, na Província do Uige, faz fronteira com a atual República Democrática do Congo Makela do Zombo é uma denominação atribuída a uma circunscrição urbana inicialmente conhecida como posto militar de Mbongi, criado pelos colonos portugueses em 13 de Janeiro de 1896, na margem direita do Rio Luidi através da portaria nº 832. Em 03 de Agosto de 1911 foi elevada a categoria de Vila com a denominação de Makela do Zombo. O Município dista cerca de 310 km da Sede da Província. Limita-se: A Norte com a RDC, Nordeste com o Município de Kimbele, a Oeste com o Município do Kuimba (Zaire), ao Sudeste com o Município de Buengas e ao Sul com o Município da Damba.

A escolha do presente tema em abordagem faz parte da nossa tese de doutoramento em inovação educativa na área de formação de Professores na linha de metodologia de ensino de português língua não materna na Universidade Católica de

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... Moçambique. A língua portuguesa durante a vigência do colonialismo português era, além de mais alguma coisa, objeto e símbolo da força e domínio do império, chamada a cooperar com todo sistema e interesse colonial. Undolo (2016), enquanto se referia a política linguística colônia, afirmou o seguinte: “A política portuguesa de ensino teve como objetivo a imposição da Língua Portuguesa em detrimento das línguas autóctones. O ensino era feito em língua portuguesa, sendo a língua colonial o único veículo linguístico de acordo no ensino; fato altamente propiciador da assimilação cultural” (.UNDOLO, 2016, p.153). Embora se tenha vivido esta dura realidade, a situação sociolinguística de Angola, tal como a da maioria dos países africanos, caracteriza-se por uma grande hegemonia linguística

Os alunos têm consciência da importância do conhecimento da língua de escolarização. Os professores constatam que os alunos de Português Língua Não Materna apresentam dificuldades de vocabulário, dificuldades de expressão, erros de concordância, má pronúncia e de muitos outros problemas de ordem linguística. Alunos que no seu dia-a-dia falam kikongo e lingala e no espaço escolar esforçam-se em falar a língua portuguesa por força do artigo 19º da Lei constitucional de Angola que oficializa o português verifica-se no contexto de aprendizagem dos alunos das zonas fronteiriças:

a) Pouco domínio do vocabulário da Língua Portuguesa entre os alunos; b) interferência encontrada entre os alunos que falam duas línguas materna e não materna, tanto na escrita como na fala;

c) Dificuldades de expressão oral e escrita;

d) Muitos erros de concordância;

e) O empréstimo de certas palavras da língua lingala e Kikongo e a ser introduzida no português;

Desde a tenra idade, as crianças que são hoje os alunos tiveram como língua materna o Kikongo caso específico da zona norte de Angola, no seio familiar, ela é tida como língua do berço e um verdadeiro veículo cultural. Até ao momento são várias pesquisas sobre a gestão de multilinguismo em contexto escolar realizadas pelos estudantes do Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas do ISCED/Uíge, aplicadas ao ensino. Os seus resultados fornecem-nos resultados comprometedores sobre o grau de dificuldades que os alunos tem sobre o domínio de língua portuguesa enquanto língua não materna fato que confirma o plurilinguismo não funcional em sala de aula, porque em Angola temos um ensino monolíngue.

De acordo com o que temos vindo a afirmar a Escola é, em Angola, um espaço monolíngue. A língua presente, o português, é uma língua segunda (L2), para um bom número de alunos, acumulando os estatutos de língua de escolarização, ou seja, língua de ensino e objecto de ensino. No entanto, a Escola e, mais concretamente, a sala de aula é um espaço plurilíngue onde falantes de diferentes línguas entram em contacto através da língua de escolarização. (COSTA, et al, 2017, p. 16).

Como se pode conferir, o contacto que se estabelece entre os alunos, é uma clara evidência de que vários alunos que representam diversas culturas entram em contacto, fazendo frente a mais uma língua tida de escolaridade, mas com um estatuto diferente. O português enquanto língua não materna, L1, em relação as línguas maternas Kikongo, Kimbundu, umbundu que são possíveis de representação com maior numero de falantes em Angola, vêm provar realmente que em escolas angolanas impera uma prática do plurilinguismo por mais que ela parece ser funcional.

As línguas mais faladas em Maquela são o Kikongo, lingala, e o português, destacar o inglês e francês dadas de forma opcional, desde os colégios até aos liceus. Muitas crianças, aprendem a falar a língua Kikongo, considerada língua materna, para depois as demais, como já afirmamos inicialmente. Este fenómeno linguístico que aí se desencadeia, é denominado como multilinguismo, que para Panzu (2018, p.122) “significa a coexistência de várias línguas dentro de um grupo social (fenómeno social).

Esta multiplicidade de línguas comumente existentes, implica a existência de indivíduos bilíngues, aqueles que falam duas línguas, no caso o Kikongo e português, ou então, Kikongo e Lingala, etc. no caso de indivíduos que venha a manifestar uma competência plurilíngue, aqueles que fazem o uso de várias línguas.

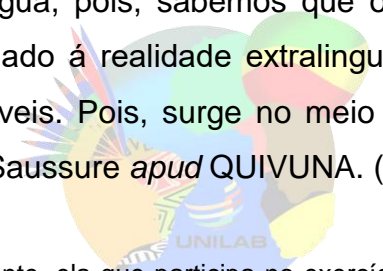
Embora os conceitos multilinguismo e plurilinguismo têm sido muito discutidos, mas concordamos com Panzu, ao atribuir o conceito multilinguismo ao fenómeno social, caracterizado numa comunidade e ao plurilinguismo como capacidade individual, reforçando que a competência plurilíngue (Ibdem, p.14) é conjunto de conhecimentos e capacidades que permitem mobilizar os recurso de um repertório plurilíngue [...] competência comunicativa que se baseia em conhecimentos e saber-fazer diversificados”.

Portanto, Maquela do Zambo, de acordo os resultados da nossa pesquisa requerem uma atenção sobretudo para professores que leccionam Língua Portuguesa, para isso, precisam colocar em causa toda explicação sociolinguística, que vista para melhor adequação do ensino.

## 2. A língua e a cultura

Língua e cultura constituem um binômio fundamental. Porquanto, língua é veículo transmissor da cultura dos povos e, por sua vez, a cultura é transmitida pela língua nas suas distintas manifestações: na dança, música, no teatro, na escultura e no próprio léxico da língua. Ao analisarmos os conceitos relativos à língua e cultura, somos logo remetidos à noção de **lexicultura**, uma vez que não há língua sem o léxico ou vocábulos. Segundo Timbane (2014, p.46) a lexicultura “é o conjunto de itens lexicais que caracterizam e especificam uma determinada comunidade linguística.” De acordo com o autor, a lexicultura pode ser geral ou específica. Entende-se por **lexicultura geral**, “aquele conjunto de itens lexicais que são identificados por toda comunidade linguística, neste caso, a comunidade lusófona.”(TIMBANE, 2014, p.50). Por outro lado, a **lexicultura específica** “se refere ao conjunto de itens lexicais que caracterizam uma variedade ou variante específica, ou seja, pertence a um grupo restrito.”(TIMBANE, 2014, p.50).

Neste mesma linha de pensamento Robert Galisson *apud* Quibongue, (2014, p.151) afirma que “lexicultura mostra-nos a singularidade e a diversidade onde a cultura pode ser encontrada numa língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligado à realidade extralinguística”. Assim, os conceitos de língua e cultura são indissociáveis. Pois, surge no meio da sociedade (tem um caráter social), como podemos ler em Saussure *apud* QUIVUNA. (2014, p.45a) que:



É precisamente, ela que participa no exercício das várias manifestações culturais de um povo. Por isso, podemos afirmar que quem vai contra a língua de qualquer povo, quer destruir a cultura desse mesmo povo. Em outras palavras, combater a língua de um povo é combater a cultura desse povo; cada povo, por mais baixo que seja o seu grau de desenvolvimento, é detentor de uma língua.

Cada língua tem o seu valor, porque manifesta à sua cultura. Todas as línguas têm um objecto comum, que é de transmitir ou veicular as informações. Por isso, destruir uma língua é matar uma cultura dum povo. Os bakongo têm a sua mundividência em língua kikongo, e os kimbundu em kimbundu, os uvimbundu fazem-no em umbundu e assim sucessivamente. Devido à colonização que estes povos foram submetidos ganharam outro patrimônio cultural linguístico de origem europeu (latina) que é o português, este não tem mais utilidade que as línguas nativas.

### 3. O Contraste linguístico entre kikongo e português

Contraste é um fenômeno de diferenciação profunda entra línguas ou oposição entre ambas. Estas diferenças são relacionadas nas suas estruturas apresentadas, isto é, fonológica, morfossintática e semântica, os estudos em epígrafe no Município de Maquela

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... do Zombo, tendo a realidade linguística bilingue, onde coabita o kikongo e português, ambas vão contrastando nas suas estruturas.

O primeiro contraste a destacar consiste nos seus sistemas alfabéticos entre kikongo e Português. Lendo em Quiala, M.B. (2013 p. 20) encontramos que «o kikongo tem 20 grafemas/letras que são: **a-b-d-e-f-i-k-l- m -n ng-o p-s t- u-v-w-y-z**. A pronúncia deste alfabeto: **a-bê-e-fê-i-kê-lê-mê-nê-ngê-o-pê-sê-tê-u-vê-wê-yê-zê**. Este alfabeto tem 13 consoantes, **b-d-f-k-l-m-n-ng-p-s-t-v-z**, cinco vogais, **a-e-i-o-ue** duas semivogais, **w-y**, que têm comportamento morfológico de consoantes».

Exemplo: **wantu** (pessoas), **yeto** (pronome pessoal da terceira pessoa do plural e no singular **mono**). O autor em referência defende que além de cinco vogais e duas semivogais, comporta também dez vogais que ele considera ter cinco breves e outras cinco longas, e as breves são as que já mencionamos (**a-e i-o-u**). As longas são: **aa-ee-ii-oo-uu**. Eis alguns exemplos: **nkaka** (animal), **nkaaka** (avô/avó), **yala** (estender), **yaala** (governar), **yela** (encher), **yeela** (adoecer) (idem, 2013).

Segundo Arruda, L. (2014 p.15 apud Bengui,2018 ) o português comporta 26 grafemas: **a-b-c-d-e-f-g-h-i-j-k-l-m-n-o-p-q-o-r-s-t-u-v-x-y-z**. A pronúncia deste alfabeto é: **á-bê-cê-dê-é-efe-gê-agá-i-jota-capa/cá-ele-eme-ene-ó-pê-quê-erre-esse-tê-u-v-dablio/vê dobrado-xis-ípsilon-zê**». Como podemos observar, o alfabeto kikongo não tem as letras **c-h-j-q-r** e **x**. Assim, concluímos que estes dois sistemas alfabéticos, embora possuir a mesma origem (latina), porém divergem em número de grafemas e, por vezes no plano fonético-fonológico. O fonema **c**, por exemplo, é representado em kikongo por **k**: **kuanza, kabaka, Kuandu Kubangu**, que em português seria: **Cabaca, Cuanza e Cuando Cubango**.

Muitos investigadores defendem a não existência do grafema **h** na língua kikongo. Todavia, há variantes que o usam, como por exemplo nos termos: **hata, uhoha** (cf. MASIALA, 2015). No entanto, há alguns autores que defendem que o alfabeto kikongo contém 22 letras, enquadrando o **c** e **h**. **Porém**, nós consideramos os depoimentos dos autores acima epigrafados.

O **j** não figura no sistema alfabético kikongo, enquanto em português temos os segmentos **j-ej-i** que vão formando os sons ou sílabas **je** e **ji**. em kikongo, por não existir este som, o seu sistema alfabético usa **oze** e **zi**. o mesmo acontece com a letra **g** que em todos os casos, isto é, antes de qualquer vogal tem sempre a pronúncia de **guê**. Em nosso entender aqui reside a incongruência na pronúncia de muitas palavras dos falantes

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... do português língua não materna (L.N.M), como nas palavras, **energia (zia), (zi) ginguba) biologia (zia).**

O **q** nesta língua é substituído por fonema **k**, **exemplo: ´nkentu (mulher) ketu (ódio).** De igual modo, o **r** em kikongo não existe, recorre-se ao grafema **l** para substituí-lo. Esta realidade é facilmente detectada em alguns vocábulos de português kikonguizados (kikonguismos). Exemplo: **carro** (viatura em português) em kikongocalu, o mesmo acontece também, nos nomes próprios como, Pedro para Petelu/Mpetulu (MUDIAMBO, 2014).

Em kikongo, a letra **x** é representado por **s** **casi em vez de caixa e s em todos os contextos, isto é, quer que esteja em posição intervocálica ou não:** Makiese, Masala, o **s** em kikongo não se dobra, ao passo que em português este mesmo fonema além de ter o valor fonológico de **se**, também tem o som de **z** entre vogais exemplo: **casa, asa, camisa** etc. Neste contexto se houver **s** que têm valor fonológico de (se) intervocálico é obrigatório dobrar (ss) exemplo: **passo, classe, massa, girassol, etc.** No campo sintático, partamos das seguintes frases:

Ex. Português: as meninas foram ao rio.

Kikongo: *anaakentu ele kukoko.*

Aqui encontramos estruturas diferentes no artigo definido feminino do plural apresentado em português. Em kikongo, o gênero é determinado antepondo a palavra yakala e n'kentu, como acontece em português nos nomes epicenos recorrendo às palavras macho e fêmea: mwanayakala, mwana n'kentu (português filho/filha). Pois, a formação do plural em português é sufixal, recorrendo ao morfema preso/conjuntural (s), ao passo que em kikongo é prefixal recorrendo ao prefixo substantival mais o radical. Exemplo: menina singular meninas plural (português); e em kikongo *mwana n'kentu* (singular), *anaakentu* (plural), como defende Quivuna (2014, p.138b) que

em kikongo o nome apresenta a seguinte estrutura: PS+Radical (prefixo substantival e radical). Ao radical é associado a um morfema desempenhando a função flexional, isto é, caracterizando o nome em número (singular e plural). Este morfema é designado prefixo. Este prefixo permitirá a inserção do nome na respectiva classe a que pertence. É, portanto o prefixo de base.

O contacto entre línguas, como é o caso de português e kikongo, a par dos aspectos que possam contribuir no desvio à norma padrão portuguesa, proporciona o enriquecimento do vocabulário de ambas as línguas. Através do processo de empréstimo

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... surgem as novas unidades lexicais tanto em português como também em kikongo. Isto é, é evidente hoje, a existência em português de palavras provenientes ou adaptadas a partir de algumas designações de kikongo (kikonguismos), bem como em kikongo, há existência de vocábulos adaptados de português (portuguesismos).

Exemplo: — portuguesismos: gindungo, ginguba, muamba, luando, ginginga; (portuguesismos) que em kikongo é ndungo, nguba, mwamba, kyandu e nzinga.

Exemplo: — kikonguismos: Basi, Diverla, fwatu, kulusu, lapiluzu etc., que em português seriam: Sebastião, Oliveira, fato, cruz, lápis ou lapiseira, luz etc. (QUIVUNA 2014). Na sua explanação a respeito do assunto, Mudiambo (2014, p.73) afirma que,

Quando um indivíduo aprende uma segunda língua ele passa por várias etapas e por várias dificuldades como, por exemplo, a cultura associada a essa língua. Deste modo, o objectivo principal consiste em efectuar um estudo contrastivo dos seguintes aspectos: 1) a fluência oral em língua portuguesa considerada como língua não materna para a maioria; 2) a fluência oral das outras línguas; 3) as diferenças de pronúncia nessas línguas; 4) as dificuldades na aquisição do léxico; 5) a verificação das dificuldades em relação à escrita.

Na mesma linha de pensamento Quivuna (2014, p.33) remata:

O kikongo em relação ao português, destacando dos processos muito importantes os quais servem de exemplo prático que, até hoje, vão enriquecendo o léxico de um e de outra. Primeiro é que, não há língua sem empréstimos (desde que seja necessário), pois nem sempre as realidades objectivas de uma cultura encontram designações genuínas na língua local. O português sendo uma língua antes considerada “língua do colonizador” “língua estrangeira”, embora tenha as suas raízes do latim (vulgar) ao chegar as terras longínquas, teve um contacto muito forte com a língua e culturas locais, onde muitas realidades daquelas localidades não encontraram designação na língua portuguesa. Assim sendo, houve necessidade de se recorrer aos próprios vocábulos encontrados, que sofreram várias mudanças (sobretudo nos planos gráfico e fonético) a fim de facilitar a comunicação entre as populações encontradas e visitantes. É o processo de aportuguesamento de muitas unidades lexicais das várias línguas onde o kikongo se integra. São os portuguesismos».

Assim, podemos dizer que as relações entre kikongo e português são tradicionalmente históricas e inacabáveis, porquanto há uma troca ou interpenetração de vocábulos nos dois sistemas linguísticos que vão contribuindo na evolução lexical de ambas.

### **Os factores que influenciam na interferência de português /kikongo**

De acordo com Thomason e Kaufman (1998) as interferências caracterizam-se sobretudo pelo empréstimo e contaminação que podem ser de ordem fonológica,



Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... gramatical, lexical e semântica. As interferências podem ser fonéticas, morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas e até dialectais.

No pensamento de Cardoso (2007) Durante o processo de aquisição de uma segunda língua, o indivíduo constrói um sistema novo baseado em hipóteses onde vai introduzindo modificações de acordo com as sucessivas aproximações à língua alvo, criando ele próprio uma gramática provisória entre as duas línguas, que vai avaliando e reformulando à medida que adquire novos dados, dando origem a diversas etapas da interlíngua, que Xavier e Mateus (1990, p. 215 apud CARDOSO, 2007) denominam como sendo “cada uma das gramáticas construídas por um indivíduo no processo de aquisição de uma língua alvo.” Neste processo de construção de hipóteses, o indivíduo, analisa os novos dados adquiridos com base nos seus conhecimentos linguísticos anteriores. No entanto, por vezes constrói regras que não têm origem no seu conhecimento da língua materna Esta situação explica a ocorrência de alguns erros que não podem ser atribuídos nem à influência da língua materna., nem à língua alvo.

Entre os distintos fatores que influenciam na interferência linguística, em primeiro plano destaca-se a língua materna (LM) ou língua primeira. O fato do kikongo e português serem línguas de origens e estruturas funcionais diferentes os alunos deparam-se com imensas dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa em quase todas estruturas (fonético-fonológica, morfossintática e semântica).

Na área fonético-fonológica, como já referenciamos nos itens precedentes, através dos grafemas que não existem em kikongo (**c, h, j, q, r, x**) os aprendentes encontram muitos impasses quando pretendem comunicar-se e, como solução, procuram transferir a maneira como se fala ou se escreve na sua língua materna para português o que resulta em determinados erros. O **j**, por exemplo, é um dos factores deste estudo. Este grafema provoca inferências em oposição ao grafema **z**. Na palavra **jiboia**, a tendência do falante do português língua não materna (PLNM) é pronunciar-se **ziboia**, por carência desta letra **j** no seu sistema alfabético (BENGUI, 2018).

Na área sintática ocorrem desvios de vária ordem, como nos diz Quivuna, (2014, p.116) que “do mesmo modo, se uma forma verbal conjugada pronominalmente, para o kikongo (e outras línguas nacionais), o pronome é sempre proclítico este fenómeno é transportado para o português». Exemplo: Vou me lavar. O pronome reflexo “me” para o utente do kikongo aparece antes do verbo (posicionamento proclítico): *Ngielekudisukala. oku* em Kikongo é o pronome pessoal átono que é colocado sempre em posição pré-verbal. Ao passo que em português seria: vou lavar-me, o pronome reflexo ou átono me

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... aparece depois do verbo (enclítico). No contexto semântico comungamos a ideia de Quivuna, M. (2014 p. 117) quando se refere que

Semanticamente, alguns vocábulos do kikongo (sobretudo os verbos), têm provocado muita confusão para os alunos de português língua segunda (PLS), A multiplicidade de polissemia que um mesmo vocábulo tem em kikongo, é transportada para o português, afectando assim a boa comunicação. Por exemplo, o verbo comer significa tomar alguma coisa como alimento. Mas, em kikongo, esta unidade lexical apresenta uma extensão de sentidos: gastar, desperdício de tempo, benefício, tirar a vida magicamente, multar. Em todas as circunstâncias em que o verbo comer é utilizado por utente do kikongo, o seu uso torna-se confuso e ambíguo, pois o indivíduo, não tendo uma grande competência lexical, acabará por empregar o único sentido de tomar algo como alimento.

Nesta conformidade os falantes de português língua não materna, ao encontrarem-se com uma realidade linguística diferente da sua língua, enfrentam imensos problemas em termos comunicativos e, como solução, recorrem, muitas vezes, aos padrões do seu idioma materno. Exemplos: esta semana vou comer o dinheiro da minha sobrinha (em vez de ir cobrar o alembamento); Vou comer tempo (em vez de vou perder tempo), etc. É sem sombra de dúvidas, neste e outros tipos de situações afins, o professor será o elemento fundamental para resolução de inúmeras dificuldades perante o aluno, o ensino de Língua Portuguesa. É da responsabilidade do docente a criação de uma atividade de reflexão sobre a língua no uso de métodos e estratégias adequadas.

## 5. Características gerais das línguas bantu

As línguas bantu pertencem à família Níger-Congolesa as línguas bantu são faladas na faixa da África austral e central de África isto é da África do sul até ao sul dos Camarões. As línguas mais faladas neste espaço de família de línguas bantu são: Swahili, uma língua franca e nacional de certos de vários países do continente africano nomeadamente a Tanzânia, Quênia, Uganda e a RDC, a língua zoulou, xhosa e sotho todas faladas majoritariamente na África do sul, a língua makua falada em Moçambique, a língua shona em Malawi, a língua kinyarwanda em Ruanda a língua tchilouba na RDC a língua Kikongo nas repúblicas de Angola, RDC e Congo Brazaville, Lingala falada nos dois Congos e por um número considerável de angolanos que no passado refugiaram – se nos Congos durante a época colonial e do conflito armado. A língua umbundu é falada no centro de Angola.

Normalmente as classes sucessivos das palavras em *bantu*, geralmente são por nomes que caracterizados por prefixos que indicam no singular e o plural, o número de classes. Certos estudos atuais sobre algumas línguas de cada uma das três zonas linguísticas, estabelece-se à volta de 18 classes, no entanto a classe de 15 verbos

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... nominal, reunindo nela, portanto, nomes e verbos. As classes 16, 17 e 18 são classes locativas e indicam a superfície, direção e a interioridade, respectivamente. Elas não conhecem a oposição singular e plural.

Os substantivos (nomes) são classificados em função dos seus prefixos do singular e do plural. A maior parte das línguas *bantu*, utiliza os tons. O sistema vocálico é simétrico, quer dizer que este sistema comporta uma vogal central (a) e um número idêntico anterior (*i, e*) e de vogais posteriores (*u, o*); algumas consoantes orais, são aparecem de forma isoladas por serem sempre pré-nasalizadas, quer dizer precedidas consoantes nasais.

A presença de tom nas línguas ***bantu*** é uma das características. Em todas línguas nas quais o tom é perceptível, o mesmo afecta as vogais mas não deve ser confundir com o acento gráfico que, nas sílabas, serve para marcar a altura (que as torna relativamente superior às outras). Com efeitos, distinguem-se dois tipos de tons:

- a) O tom pontual ou simples, dividindo-se em:
  1. Tom alto grafado com um acento agudo (´);
  2. Tom a baixo grafado com um acento grave (`).

### Características específicas

Relativamente a estas características, os autores apresentam um tratamento próprio de uma zona linguísticas, em particular de uma língua específica, como demonstraremos a seguir:

**zona H** abrange o Norte e o Noroeste do país. Aqui, sobressaem dois grandes grupos etnolinguísticos: *mbundu* e *bacongo*. No primeiro grupo, *kimbundo* é a língua dominante, numa área geográfica que abrange as zonas históricas correspondentes às actuais províncias de Bengo, Luanda, Kwanza-Norte, Malanje e parte de Kwanza-Sul. Quanto ao segundo grande grupo etnolinguístico da o *kicongo* é a língua dominante.

**Zona K:** cobre a região Leste, é representada pelos lunda-*cokwe* e “*ovingangela*”, cujas línguas *cokwe* e “*ngangela*” são mais representativas. Tais línguas cobrem vastas regiões correspondentes, entre outras, às actuais províncias de Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico, Bié;

**Zona R:** ocupa o Centro-Sul, onde se podem encontrar vários grupos etnolinguísticos entre os quais ovimbundu, *ocindonga*, owambo, nyaneka-humbe, *ovingangela* e herero. Entretanto, umbundu é a língua mais representativa na parte sul do país,

Uma realidade implícita às línguas das três zonas é o caráter transnacional de diversas comunidades étnicas que as falam, salvos alguns casos. Por exemplo, o kicongo é falado em Angola, na R. D.C, no Congo-Brazaville e; os grupos *tchokwe-luchazi* são falados em Angola, na R.D.C. e Zâmbia; o *kwanhama*, em Angola e na Namíbia. Contudo, apesar do elevado número de línguas do universo das três zonas supracitadas, apenas sete línguas têm sido referenciadas como línguas nacionais nos principais serviços noticiosos do país, o que de *per si* vem demonstrando lacunas e critérios desequilibrados quanto à abordagem da questão linguística nacional, bem como uma deficiente política linguística. De acordo com Timbane, Fernandes e Afonso (2019).

Sobre a classificação das línguas bantu, Timbane, Fernandes e Afonso citando Nurse e Philippson (2003) e Greenberg (2010) indicam que existem 16 zonas nomeadamente: A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R e S. e por seu turno Angola ocupa as zonas H, K e R, ainda o mesmo autor esclarece que as línguas angolanas estão intimamente relacionadas às etnias. A “língua umbundo por exemplo é falada pelo povo Ovimbundu; a língua kimbundu é falada pelo povo Ambundu; o grupo Bakonko fala a língua kikongo; os Tucokwe falam cokwe e; a língua kwanyama é falada pelo grupo Vakwanyama. Esta última língua é falada da região do Cunene. O grupo Vangangela fala a língua ngangela.

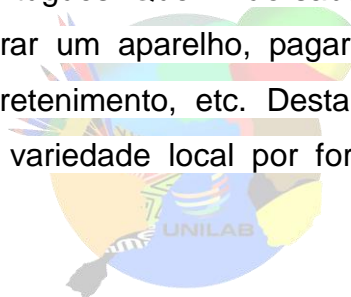
### **Gestão de ensino de português em contexto plural**

Ser professor da Língua Portuguesa no contexto plural não é tarefa fácil, pois exige conhecimento teórico- prático, bem como estratégias diversificadas de leitura e de escrita. A esse respeito Mona Mpanzu (2021), sustenta que o ensino da língua foca a prática do dia-a-dia isto é combinar actividades de fala, leitura e produção de textos desde cedo. Autor deplora o comportamento de certos professores quantos aos métodos usados para trabalhar leitura na sala pois que muitos continuam ainda presos nas metodologias tradicionais para alfabetizar os seus alunos uma vez que as mesmas estão mais baseadas no aprender. Analisando o contexto multilingue moçambicano, Timbane (2015, p.96) descreve que o português europeu não é conhecido pelos professores, pois eles são moçambicanos, nasceram e cresceram em Moçambique e jamais estiveram ou vive-ram em Portugal. Por outro lado, o autor (idem) debate que mesmo os portugueses nativos não dominam a variedade padrão, pois ela não é língua materna de ninguém, mas sim uma variedade escolhida que é utilizada em momentos especiais (na redação de um texto legal ou científico, nas relações profissionais,

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... acadêmicas, etc.). Daí que é preciso considerar a variedade padrão como artificial, uma vez que que não reflete a fala real, o que pode dificultar a aprendizagem da LP em Angola.

Aquisição de uma língua com maior destaque no contexto de alunos de português língua não materna acontece por meio de diversas metodologias e estratégias de ensino. Cabe ao professor, analisá-las e encaixá-las em suas práticas docentes. As metodologias são importantes. Quando bem exploradas, poderão produzir bons resultados de aprendizagem, principalmente, se forem considerados o meio e o perfil sociolinguístico dos alunos.

De acordo com Timbane (2015), o fraco domínio da língua oficial, o português, provoca problemas sociais graves no aparelho do estado (impossibilidade de tratamento, regulamentação de documentação diversa), nos tribunais (quem não fala português não consegue se defender das acusações, nem compreender as complexidades semânticas do português), nos meios de comunicação (a televisão pública só emite seus programas em português. Quem não sabe, paciência!). Isso é humilhante, desrespeitoso, o fato de comprar um aparelho, pagar energia e impostos, mas sem usufruir de informação, de entretenimento, etc. Desta forma, a educação em língua portuguesa deveria valorizar a variedade local por forma a que a variedade não se distancie da realidade local.



## **Conclusões**

Realizada esta pesquisa eis que chegamos às seguintes conclusões: É um problema estudado na base das dificuldades que os alunos de português língua não materna encontram no seu dia-a-dia na aprendizagem em contexto escolar pois o kikongo e o Lingala são duas línguas que são usadas em simultâneo no Município de Maquela do Zombo. O Kikongo e o Lingala são línguas organizadas com estruturas léxicos semânticas diferentes que estão em estreita interpenetração com o português. A situação é complexa e tem provocado, muitas vezes, dificuldades de vária ordem, quer no plano da escrita quer no plano da oralidade, caracterizadas pelas traduções literais de certos enunciados e algumas pronúncias que se têm como consequência o emprego inadequado de determinados grafemas, como é o caso de **z, g, j, s, ss, c, ç, o, u**, só para citar alguns. Muitos alunos das zonas rurais falam/aprendem o português apenas em contexto escolar.

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português...

Em quase todas as escolas do município de Maquela do Zombo, a população estudantil que as frequenta tem o Português como Língua não materna, embora tenhamos uma pequena percentagem que tem o Português como língua materna. Estes alunos apresentam várias dificuldades no uso de vocabulário do uso quotidiano, dificuldades que se estendem na expressão oral e escrita. Neste município verificamos que a Língua Portuguesa é o principal veículo de comunicação no ensino geral, estamos a falar desde a iniciação até ao ensino médio, mas os alunos e a população em geral possuem um domínio aprofundado da língua materna Kikongo e o lingala tem um impacto em convívios informais em relação à língua portuguesa.

## Referências

ANTÓNIO, Helena Matias. *Necessidade de um Ensino de Leitura Orientada à Aprendizagem do Português* – TFC: ISCED-Uíge; 2016.

AZEREDO, Fernando José Fraga.(2010).*Metodologia da Língua Portuguesa*. Lisboa, Plural edições.

AZEREDO, M. Olga et al.(2011). *Da comunicação à Expressão Gramática Prática Da Língua Portuguesa*, Lisboa editor.

BENGUI, Pedro (2018). Interferências linguísticas dos alunos da escola do 1º ciclo do ensino secundário de Buengas:TFC ISCED- Uíge.

CARDOSO Ana Josefa(2007). A Importância do Erro e as Interferências Linguísticas no Processo de Aquisição de uma Língua Não Materna.

CASANOVA, Isabel.(2010). *Dicionário terminológico Compreender a TLEBS*, Lisboa Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora.

CUNHA, Celso, e Cintra, Lindly. *Nova Gramática do português Contemporâneo. 2.ed.* Lisboa,

ESTRELA, Edite et al.(2015). *Saber escrever Saber Falar*. D. Quixote: Lisboa.

KAPITIYA, Francisco. (2008). *ABC de Metodologia Científica: Noções de estudo, trabalho de Currículo, Monografia, Dissertação, Tese e Livros*. 4.ed. Secretariado Diocesano de Pastoral: Benguela.

MARTINET, André.(2014). *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Clássica editor.

MIGUEL, Maria, Helena.(2007). *Língua Portuguesa-1 Funcionamento da Língua Luanda*: Editora nzila.

MPANZU Mona (2021). *Didáctica de Línguas- Leitura e exploração do texto literário nas aulas de línguas*, Imprensa Nacional.

Eduardo David Ndombele, Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português... MUDIAMBO, Quibongue. (2013). *Estudos Linguística sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa* Lisboa: Edições colibri.

NASCIMENTO, Zacarias, e Pinto, José Manuel de Castro.(2006). *Dinâmica da Escrita- como escrever com êxito*, Lisboa: Platano Editor.

NETO, Muamba, Garcia. (2012). *Aproximação linguística e Experiência Comunicacional*. Luanda: Mayamba Editora.

PELETTI, Cláudio. (2003). *Didática Especial*, 15.ed. São Paulo, Editora ática.

PINTO, José Manuel de Castro e LOPES, Mariaa do Céu Vieira. (2011). *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano editora, 2011.

-PINTO, José, Manuel de Castro.(2006). *Novo proutuário Ortográfico*. 8.ed. Lisboa: Platano 2006.

QUIALA, Miguel Barbosa (s.d).. *Longokakikongo*, Angola, Mayamba Editora.

QUIVUNA, Manuel.(2010). *Introdução aos Estudos Linguísticos. Manual Pedagógico- didático*, ISCDE-Uíge (wizi).

QUIVUNA, Manuel. (2014). *Lexicologia e Lexicografia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não materna (LNM)* Lisboa: Edições Colibri.

QUIVUNA, Manuel. (2014). *O Ensino de Português Em Contexto Bilingue/ PluralingueAngolano Sete Estudos*, Lisboa: Edições colibri.

RAMOS, Santa Taciana Carrillo. E Naranjo, ErnanSantiesteban. *Didática da Leitura*, Angola Escolar Editora, 2014.

THOMSON, Sarah Grey, KAUFMAN, Terence (1991). *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*, Los Angeles / Oxford, University of California.

TIMBANE, Alexandre António. (2014, jul.dez.). A lexicultura no português de Moçambique. *Linguagem: estudos e pesquisas*. Catalão (GO). Vol.18, nº2, p.43-59.

TIMBANE, Alexandre António. (2015, jan./abr.). A complexidade do ensino em contexto multilíngue em Moçambique: políticas, problemas e soluções. *Calidoscópico*. Vol. 13, n. 1, p. 92-103.

TIMBANE A, FERNANDES Y, AFONSO D. (2019) O português angolano e a variação léxico-cultural no hip-hop: um exemplo com Yannick Afroman. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*. Lisboa, IV Série n.º 36, 2019, p. 103-123.

UNDOLO, Márcio (2016). *A norma do português em Angola: subsídios para o seu estudo*. Caxito, ESP-Bengo.

ZASALA, Carlinhos (2013). *Iniciação à Pesquisa Científica*. Luanda: Mayamba Editora.

Recebido em: 11/11/2021

Aceito em: 25/12/2021

Para citar este texto (ABNT): NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português em contexto dos alunos da zona fronteiriça de Maquela do Zombo-Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.355-370, dez. 2021.

Para citar este texto (APA): NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem do português em contexto dos alunos da zona fronteiriça de Maquela do Zombo-Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(Especial): 355-370.

